

Silêncio já preocupa a universidade

Na Universidade de Brasília continua a expectativa em torno de uma resposta da Caesb sobre a denúncia do Departamento de Nutrição de que a água consumida em Brasília está contaminada. O silêncio do órgão do GDF, segundo informações colhidas junto à Superintendência Executiva da Universidade, já está preocupando a Divisão de Engenharia de Operações que não sabe ainda como agir para adotar medidas eficazes para proteger alunos, professores e funcionários.

O motivo fundamental desta preocupação é que a UnB não pode fazer nada sem que antes a Caesb forneça algumas informações sobre o problema ou, em último caso, tome uma providência para que seja formada, como disse há dois anos o diretor de Operações do órgão, Waldemar Su-

riani, uma comissão, integrada por técnicos e professores do Departamento de Nutrição, além dos especialistas do Instituto de Saúde do DF, para orientar a realizar de novo exames sobre a água consumida em Brasília.

Segundo afirmaram, ontem, pessoas ligadas ao superintendente executivo da UnB, coronel Lyster Figueiredo, ele continua preparando uma resposta ao ofício que enviou à Caesb no início deste mês, logo após ter sido informado pelo diretor da Faculdade de Medicina, Odílio Silva, que foram detectadas parasitas na água. "Nós esperávamos para hoje de acordo com as informações que nos deram, um comunicado da Caesb. Mas, até agora, não chegou nada aqui", disse uma funcionária do gabinete de Figueiredo.

Enquanto a resposta da Caesb

não chega, a UnB continua em sua tarefa diária de tentar proteger por "Métodos rotineiros" as pessoas, recomendando que a água, em todos os departamentos, seja fervida. No de Nutrição, onde o problema da contaminação foi detectado, os novos exames solicitados por Lyster Figueiredo continua sendo realizados.

No Centro Olímpico, como o **CORREIO BRAZILIENSE** anunciou em sua edição de ontem, as piscinas interditadas na última quinta-feira por fiscais da Secretária de Saúde, foram reabertas permitindo que as aulas de natação fossem dadas normalmente, depois que a química Glória Maria Rodrigues esteve no local colhendo amostras para saber se a água estava ou não contaminada, tudo aconteceu, rapidamente. "Eles telefonaram e disseram que a interdição não estava suspensa", assegurou.